

Apresentação

No contexto da pandemia do Covid-19, a intensa propagação de notícias falsas (ou *fake news*), com sua trágica consequência no descontrolo da Pandemia e multiplicação das mortes, colocou na ordem do dia o debate sobre o negacionismo científico. Não se trata, evidentemente, de uma novidade absoluta. Recorrente nas distintas correntes idealistas, relativistas e/ou pós-modernas, a desconfiança em relação à verdade, à ciência e ao conhecimento assumiu nova dramaticidade com a ascensão de movimentos neofascistas nas últimas duas décadas, no contexto de acirramento da crise capitalista, tomando agora com o rótulo de “pós-verdade” e impondo, uma vez mais, a primazia da “versão” sobre a realidade objetiva.

O termo “pós-verdade” foi indicado como palavra do ano de 2016 pelo Dicionário de Oxford, em acepção que indica “*circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal.*”¹ Nos anos seguintes, o apelo à emoção e à crença pessoal, explorada através do recurso ao “pânico moral” (associado à propagação de noções arbitrárias e inverossímeis como a propalada “ideologia de gênero”) marcaram inúmeras campanhas eleitorais e impulsionaram vitórias da extrema-direita, com destaque àquelas conduzidas por Steve Bannon, dentre as quais de Donald Trump no Estados Unidos (2016) e Jair Bolsonaro (2018). O recurso a esta metodologia não se restringiu a eleições: ela foi fartamente utilizada também em consultas populares, como foi o caso do Brexit no Reino Unido (2016) e do plebiscito sobre o Acordo de Paz, na Colômbia (2016). Neste último, ainda que não tivesse nenhuma relação direta com o tema em questão, o pânico moral e o recurso à “ideologia de gênero” foram fartamente utilizados pelos adversários do acordo de paz e decisivos para a surpreendente vitória do “Não”, ao terem apelado para os “*sentimentos mais profundos de um setor que defendia a família tradicional na Colômbia*”, levado a votar contra o acordo de paz por medo da “*colonização homossexual nos colégios*”.² Quando emergiu a Pandemia, portanto, a metodologia de propagação de notícias falsas estava plenamente desenvolvida e era intensamente utilizada pela extrema-direita em diversos contextos.

Por outro lado, não é razoável responder ao desafio do negacionismo retomando uma concepção positivista e metódica de ciência. A recente polêmica em torno do livro de Natália Pasternak e Carlos Orsi,³ que a pretexto de combater o negacionismo e as pseudociências, generaliza os procedimentos metodológicos das

¹ Pós-verdade. Disponível em <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>, consultado em 30/8/2023.

² GÓMEZ-SUÁREZ, Andrei. *El triunfo del No: La paradoja emocional detrás del plebiscito*. Bogotá: Ícono, 2016.

³ PASTERNAK, Natalia & ORSI, Carlos. *Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*. São Paulo: Contexto, 2023. Para uma crítica, ver DUNKER, Christian. Ser bobagem, Parternak: como livro falha em tratar da psicanálise. Blog do Dunker. Disponível em <https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2023/08/08/livro-que-bobagem---natalia-pasternak-carlos-orisi---psicanalise---critica.htm> A crítica tem continuidade em outros dois artigos.

ciências da saúde e desqualifica todas que a ela não se adequam, a ponto de tratar como equivalentes astrologia e psicanálise, é um claro exemplo da inadequação desta resposta, sobretudo no campo das ciências humanas. Já há meio século Adam Schaff indicava a inadequação das abordagens deste tipo, dado que ignoravam as condições concretas em que o conhecimento é produzido, ou seja, o processo de interação entre aqueles que produzem o conhecimento e a realidade empírica, impedindo com isto a construção de instrumentos metodológicos capazes de estabelecer controle sobre a subjetividade.⁴ Não é difícil perceber como uma concepção de conhecimento que nega a subjetividade revela-se incapaz, por exemplo, de refletir sobre os interesses econômicos das grandes indústrias farmacêuticas. Uma posição deste tipo torna-se impotente para enfrentar uma teoria conspiratória, sob o pretexto da denúncia do interesse econômico destes conglomerados (que é real e inegável), enseja falsificações grosseiras. Não é necessário esforço para demonstrar que tais conglomerados se movem essencialmente pela busca do maior lucro possível, e negar isto é inócuo e contraproducente. Mais pertinente e efetivo seria reconhecer estes interesses e processar criticamente as informações e dados disponíveis, refutando o negacionismo científico sem endossar uma concepção neutra e tradicional de ciência. Não pode haver contradição, por exemplo, entre reconhecer a já comprovada efetividade das vacinas na diminuição da letalidade e nem por isto deixar de denunciar a forma desigual e excludente com que elas são administradas, impedindo o acesso dos países e populações mais pobres.

No caso brasileiro, em especial, há que se destacar que o negacionismo foi utilizado pelo governo Bolsonaro não apenas para desobrigar-se da compra de vacinas e equipamentos e de acionar o sistema público de saúde para o enfrentamento da pandemia, orientação em plena conformidade com a política econômica neoliberal extremada de seu ministro da Fazenda, mas também serviu como um instrumento político de enfrentamento contra as medidas sanitárias e de isolamento social tomadas por governos estaduais e municipais, bem como pelo poder judiciário, politizando a questão e mantendo a base social bolsonarista permanentemente mobilizada. Pelo país afora, empresários de grande, médio e pequeno porte, além trabalhadores autônomos e/ou precarizados promoveram protestos e carreatas pela “abertura total”, confrontando com violência os que exigiam a adoção de políticas públicas efetivas nos planos sanitário e social.

O artigo de André Saldanha Goellner, “Dinâmica do capital e saúde dos despossuídos: influência imediatas e mediatas”, apresenta um amplo panorama das consequências negativas do funcionamento do capital como um “sujeito automático” sobre a saúde dos trabalhadores e despossuídos em geral. É um artigo de fôlego, que para tanto busca relacionar o impacto das técnicas e processos de produção, das estratégias de mercado, das políticas públicas e da imposição de hábitos de consumo sobre as condições de vida de milhões, recorrendo à análise de exemplos históricos de diversos países e épocas.

O artigo de Kleiton Wagner Nogueira, “Aparelhos Privados de Hegemonia na Saúde: Pandemia de Covid-19 e Negacionismo Científico no Brasil” demonstra

⁴ SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

concretamente como um conjunto de aparelhos privados de hegemonia comandados por profissionais da saúde e subordinados aos objetivos de maximização dos lucros atuaram sistematicamente na propagação do negacionismo e em especial, na legitimação, produção de consenso social e disseminação da utilização de medicamentos comprovadamente ineficazes para o tratamento do coronavírus, com as consequências que hoje são amplamente conhecidas.

O artigo de José de Lima Soares, “A precarização do trabalho docente no contexto da pandemia”, busca relacionar as condições de vida e trabalho impostas pela pandemia ao processo de precarização do trabalho docente e de imposição da perspectiva do capital sobre a prática educacional, com efeitos danosos sobre a formação e a produção do conhecimento. Além disso, busca discutir esses efeitos a partir da perspectiva teórica da pedagogia histórico-crítica, agregando um componente importante ao debate sobre estas questões.

O dossiê tem continuidade com a tradução do artigo “Para uma avaliação sociopolítica da crise do COVID-19”, do cientista social argentino Daniel Feierstein. O autor atuou de forma destacada no debate público sobre as formas de enfrentamento da pandemia na Argentina e produziu uma sistemática crítica aos erros que determinaram o fracasso das políticas de enfrentamento à Pandemia naquele país, mesmo após o relativo êxito nos primeiros meses.⁵ Neste artigo realiza um balanço das políticas de enfrentamento e do fracasso na contenção da Pandemia que, de forma mais ou menos exacerbada, verificou-se na ampla maioria dos países ocidentais. Fatores como o apagamento das experiências exitosas de contenção, a exacerbação do individualismo e os erros de comunicação dos governos (ainda quando, em alguma medida, pretendiam confrontar o negacionismo) foram fatores que determinaram a derrota do princípio da precaução e com isto inviabilizaram a contenção efetiva da transmissão do coronavírus. Ainda que até meados de 2020 a Argentina tivesse índices de contaminação e de mortes por milhão de habitantes muito inferiores aos do Brasil, isto se perdeu a partir de então,⁶ e neste sentido o artigo é elucidativo ao recuperar os principais mitos propagados naquele país e a forma organizada como foram disseminados por grupos diversos.

A seguir, publicamos um documento de triste memória, mas que precisa ser sempre lembrado, pois sem ele não se poderia explicar a dimensão da tragédia brasileira: o pronunciamento do ex-presidente – e atualmente inelegível – Jair Bolsonaro em 24 de março de 2020. Seja pelo fato de ter se difundido em um momento decisivo para os rumos da pandemia no país, seja pelo fato de que muitas de suas afirmações inauguraram linhas de argumentação que seriam reproduzidas de forma intermitente como *fake news* nas mais diversas formas e meios ao longo de toda a

⁵FEIERSTEIN, Daniel. *Pandemia: un balance social y político de la crisis del Covid 19*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2021.

⁶No final do primeiro semestre de 2020, a Argentina registrava 3.429 mortes (74 mortes por milhão de habitantes) e o Brasil registrava 59.656 mortes (277 por milhão). Três anos depois, no final do primeiro semestre de 2023, registrava 130.556 mortes (2.838 por milhão) e o Brasil registrava 704.048 (3.273 por milhão). Atualmente, o Brasil ocupa a posição 21 entre os países com mais mortes por milhão de habitantes, e a Argentina ocupa a posição 29, entre mais de 200 países com dados disponíveis. https://www.worldometers.info/coronavirus/#main_table, consultado em 30/8/2023.

vigência da Pandemia, trata-se de um discurso histórico e de uma irrefutável prova da responsabilidade criminosa do então mandatário na propagação da Pandemia e no aumento da mortalidade no país.

Finalmente, a resenha de Maria Teresa Escurra aborda o livro “*Capitalismo em quarentena: notas sobre a crise global*”, que propõe uma crítica radical do capitalismo, baseada na teoria do valor, em uma análise concreta de seu atual estágio e dos impactos da pandemia. Distante das abordagens que tratam a pandemia como causa externa, a obra recusa qualquer dissociação entre as relações sociais capitalistas e seus efeitos na natureza.

Esta edição é publicada em um momento em que se tornam conhecidos do grande público os esquemas de corrupção que marcaram o governo Bolsonaro, e também quando começam a ser julgados e condenados alguns dos participantes da intentona golpista de 8 de janeiro. Inúmeras denúncias e acusações alimentam a expectativa de que efetivamente Jair Bolsonaro seja julgado, condenado e preso. Ainda assim, há claros limites neste processo, sendo nítida a tendência à preservação do oficialato da cúpula das Forças Armadas, bem como dos crimes cometidos no contexto da Pandemia, que, perpetuados sob a gestão do atual deputado federal General Eduardo Pazuello, e no contexto do negacionismo bolsonarista configuram crimes contra a humanidade⁷ e não podem em hipótese alguma ficar impunes.

Setembro de 2023

Gilberto Calil
Editor

Aruã Silva de Lima
David Maciel
Gilberto Calil
Coordenadores do Dossiê

⁷Ver a respeito VENTURA, Deisy et alii. Pandemia e crimes contra a humanidade: o “caráter desumano” da gestão da catástrofe sanitária no Brasil. *Revista Direito e Práxis*, 12 (03), Jul-Set. 2021, disponível em <https://www.scielo.br/j/rdp/a/7WGYphhcLskRqBCwBNTt9sn/abstract/?lang=pt#>; consultado em 30/8/2023 e CALIL, Gilberto. *A negação da Pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. Serviço Social e Sociedade* (140), Jan-Abr. 2021, disponível em <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/abstract/?lang=pt>, consultado em 30/08/2023.